



Genéricos: dez anos de uma história de sucesso

Síntese: *Em fevereiro de 1999 entrou em vigor no país a lei dos medicamentos genéricos, com objetivo de ampliar o acesso da população a tratamentos de saúde. Uma década depois, os bons resultados são evidentes: de cada cinco medicamentos comercializados, um é genérico. Com preços, por lei, no mínimo 35% mais baratos que os medicamentos de marca dos quais são copiados, os genéricos já proporcionaram economia de R\$ 11 bilhões aos consumidores. Esta é uma indústria genuinamente brasileira: existem 82 laboratórios produzindo genéricos hoje no país, dos quais quase 90% são de capital nacional. Nada disso, porém, foi suficiente para impedir que o governo Lula boicotasse os genéricos. Desta forma, em regiões onde são mais necessários, como Norte e Nordeste, os genéricos têm participação reduzida.*

A adoção de políticas públicas com efeitos diretos sobre a vida das pessoas costuma ser acompanhada por fortes resistências por parte do sistema constituído. Na área da saúde, isso fica ainda mais evidente, já que se trata de setor que mexe com o mais precioso bem humano – a preservação da vida – e com os vultosos interesses econômicos da indústria farmacêutica.

Num ambiente assim, é notável o sucesso da adoção dos medicamentos genéricos no país, que agora completa dez anos. Promovida quando o hoje governador de São Paulo, José Serra, era ministro da Saúde do governo Fernando Henrique, tal política buscava ampliar o acesso da população a medicamentos – ainda hoje o mais importante tema de saúde pública mundial. A receita seguida foi criar uma alternativa com qualidade garantida e que custasse muito menos para a população.

Em uma década, os genéricos demonstraram capacidade de promover preços mais justos, algo ainda mais relevante nos casos de doenças crônicas que demandam tratamento contínuo. A lei Tucana exige que o genérico custe, no mínimo, 35% menos que o medicamento de marca do qual é copiado, mas, na média, a diferença é ainda maior, uns 50%. Estima-se que nestes dez anos os consumidores economizaram cerca de R\$ 11 bilhões ao optar pelos medicamentos genéricos nas farmácias.

Avanços consistentes

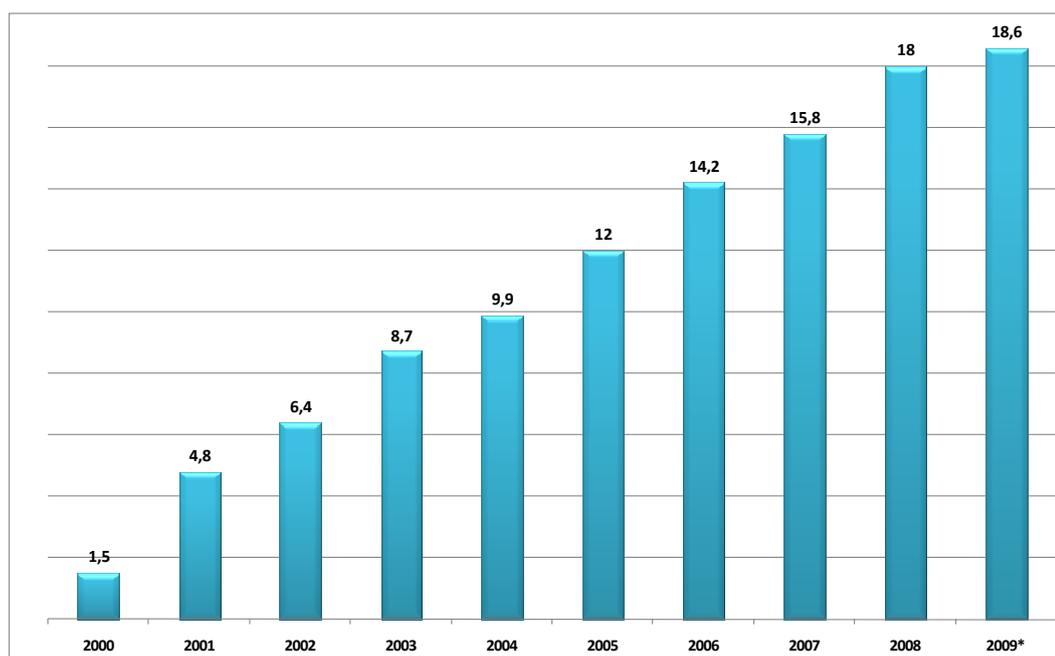
Os genéricos já são uma opção de tratamento a baixo custo para a população de países como Estados Unidos e Canadá há bastante tempo. A indústria de genéricos norte-americana, por exemplo, existe desde a década de 60, embora os critérios para registro desses medicamentos, que se tornaram parâmetros para todo o mundo, só tenham sido definidos em 1984. Lá os genéricos alcançam participação de quase 60% no mercado – percentual similar ao observado na Alemanha e Inglaterra.

No Brasil dez anos depois da adoção da lei, que entrou em vigor em fevereiro de 1999, os genéricos respondem por 18% do mercado farmacêutico e gozam de extrema credibilidade por parte da população. Isso se deve ao rigor que o

governo adotou ao definir as exigências para sua produção no país: quando o assunto é segurança, eficácia e qualidade dos genéricos, pode-se afirmar que o Brasil não fica nada a dever às demais nações.

Os laboratórios aqui instalados já produzem mais de 2.600 medicamentos genéricos, capazes de atacar 90% das doenças conhecidas. Com os genéricos, mais pessoas puderam comprar remédios; com isso, os tratamentos médicos tornaram-se mais eficazes. Exemplo disso são o atenolol, usado para combate à hipertensão, e a metformina, para diabetes. Ambos viram suas vendas aumentar 64% nos últimos cinco anos, expansão baseada quase exclusivamente no crescimento das opções genéricas. É mais gente cuidando da saúde.

Participação de genéricos no mercado farmacêutico (em %)



Fonte: Pró Genéricos – Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos. *Até abril.

Indústria genuinamente brasileira

Existem 82 laboratórios produzindo genéricos no país hoje – dez vezes mais do que em 2000. Destes, quase 90% são de capital nacional. O setor movimenta US\$ 2 bilhões por ano e emprega milhares de pessoas. Os investimentos realizados pelas indústrias desde 1999 somam US\$ 170 milhões e devem dobrar até o fim desta década. A capacidade produtiva atual é de 277 milhões de unidades por ano.

O mercado brasileiro de genéricos poderia ser ainda maior. Bastaria promover campanhas públicas maciças de divulgação, como era comum na época do governo do PSDB. O simples conhecimento da existência do genérico faz toda a diferença num mercado desigual como o farmacêutico: pela sua estrutura, trata-se de segmento que deixa o consumidor à mercê do que é receitado pelos médicos. O genérico reduz esta assimetria por possibilitar ao paciente escolher a alternativa mais barata entre opções estritamente idênticas e eficazes do ponto de vista técnico – algo que o rigor da lei que regulamenta os genéricos no país assegura, ao impor a realização de criteriosos testes de laboratório.

Sem a participação do poder público na promoção institucional dos genéricos, perde quem mais necessita deles: as populações mais pobres, com pouco acesso a informações. Isso fica evidente quando se constata que o Norte e o Nordeste – justamente onde é mais necessário oferecer alternativas baratas de tratamento de saúde à população – representam apenas 14% das vendas de genéricos no país. Se, na média nacional, de cada dez medicamentos vendidos dois são genéricos, naquelas regiões – onde vivem 35% dos brasileiros – tal participação cai à metade.

Nos anos Lula as ações de divulgação dos genéricos foram simplesmente extintas. Em contrapartida, programas como o Farmácia Popular foram criados, tudo com o claro objetivo de encobrir uma ação exitosa e marcante do governo Fernando Henrique. Tivesse a gestão petista perseverado na linha que vinha sendo adotada a partir da introdução dos genéricos no mercado, é possível que hoje muito mais doenças poderiam estar sendo tratadas a custos bem mais baixos para a população. É uma amostra de como atitudes mesquinhas podem prejudicar quem mais precisa do poder público.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br